

Comunicação, espaços urbanos e relações contemporâneas no filme *Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual*¹

Vanessa Paula Trigueiro Moura²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

O presente artigo estabelece uma investigação iniciada na obra audiovisual argentina *Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual*. Esse *corpus* empírico torna-se o lugar de representação das relações sociais permeadas pelo universo urbano e midiático. Na narrativa fílmica, bem como na poética da fotografia cinematográfica, questões da sociabilidade contemporânea são retratadas a partir de relações de comunicação no espaço urbano e da arquitetura de Buenos Aires - retratada em *Medianeras* - refletindo a lógica midiática na organização e fluxo das grandes cidades.

PALAVRAS-CHAVE: Audiovisual; Espaço urbano; Mídia; Relações sociais.

INTRODUÇÃO

O estudo proposto neste artigo encontra-se em fase inicial de investigação. Busca-se traçar um panorama da ressignificação das relações sociais nas grandes cidades, compreendendo a individualidade contemporânea permeada pela mídia virtual e o ambiente urbano como espaço de interação verbal, gestual e social. Essas relações sociais, a individualidade e as subjetividades contemporâneas expressas na comunicação urbana estão nas ruas das cidades e estão também representadas no filme argentino *Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual*³. Logo, compreende-se como *corpus* da pesquisa o próprio filme em análise, que traz uma discussão acerca do espaço urbano de Buenos Aires, mas podendo ser aplicado ao universo de demais metrópoles mundiais.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Integrante do grupo de pesquisa Marginália - Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura. E-mail: vanessapaulatm@gmail.com

³ Filme argentino de 2011, dirigido por Gustavo Taretto e distribuição Imovision.

Aprofundar-se na narrativa fílmica de *Medianeras* nos possibilita fazer mais que uma análise cinematográfica. A obra argentina, agindo como lugar de representação do real, nos permite enxergar uma discussão que permeia as relações entre cidade, comunicação e mídia. Trata-se de compreender o filme como uma moldura, em que a construção de sua linguagem discursiva e visual consiste em um espaço de representação que, no caso de *Medianeras*, propicia uma reflexão a respeito da subjetividade arquitetônica e dos fluxos das cidades, bem como a respeito das relações interpessoais mediadas pelas plataformas virtuais.

A complexidade dos estilos, fluxos e ritmos que compõe o espaço urbano, além da questão comportamental dos indivíduos que trafegam por ele caracterizam a vivência no espaço urbano. Esse panorama se complexifica com o advento de tecnologias digitais, que trazem consigo novos panoramas para a comunicação, cria um novo ambiente de trocas. Assim é que a individualidade contemporânea e as relações sociais nos grandes centros urbanos, permeadas pelas novas plataformas de comunicação, aparecem representadas na obra audiovisual em questão.

O filme argentino possibilita apreender a representação da formação arquitetônica da cidade nas subjetividades dos protagonistas da trama, que potencializam o coletivo do lugar e do tempo em que vivem, ressaltando, dessa forma, a relação entre a cultura, o comportamento e a realidade midiática e virtual.

Para alicerçar a discussão sobre cidades, leituras de Prysthon (2006), Rocha (2008) e Silva e Rocha (2006) estão sendo realizadas nesta etapa inicial da pesquisa. Teóricos como Canevacci (2004), dando continuidade aos estudos que versam sobre o urbano, nos ajuda a pensar a comunicação urbana, isto é "o modo como uma determinada cidade comunica o seu estilo particular de vida, o seu *ethos*⁴, o conjunto de valores, crenças, comportamentos explícitos e implícitos" (CANEVACCI, 2004, p. 20).

Ao tratarmos da relação entre a arquitetura e comunicação urbana, a comunicação virtual e as relações sociais, nos ambientamos, necessariamente, em uma realidade cultural em que a comunicação midiática tem papel de destaque. A partir de Silverstone (2005), mídia aqui é mais do que um mero canal de compartilhamento de mensagens; antes, constitui um modo de experiência contemporâneo.

A alteração da percepção espaço-temporal das cidades reflete também as mudanças das tecnologias de comunicação e informação. As considerações de Lemos (2004) e Moraes

⁴ Comportamento, estilo de vida.

(2004) sobre o ciberespaço e a cibercidade nos ofereceram um aporte teórico que fundamenta a ideia das relações sociais no espaço virtual.

Os pensamentos desenvolvidos neste trabalho consistem ainda em uma reflexão inicial que transversaliza estudos que irão compor minha pesquisa no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM).

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DE *MEDIANERAS*

O filme *Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual*, uma produção do cinema argentino dirigida por Gustavo Taretto, com direção de fotografia de Leandro Martínez, narra a história de Martín (Javier Drolas) e Mariana (Pilar López de Ayala), dois jovens que vivem no mesmo quarteirão de Buenos Aires. Apesar de se cruzarem e caminharem pelos mesmos lugares, as personagens não se percebem e não vivenciam a experiência de um encontro durante grande parte do roteiro.

É através de recursos da linguagem cinematográfica que o diretor reforça durante todo o filme o sentimento de isolamento e a constante busca por algo que parece perdido nas práticas coletivas do cotidiano das grandes cidades. Desde suas primeiras cenas, *Medianeras* mostra-se como um adensamento de representações simbólicas. Nos primeiros três minutos, o filme se detém em apresentar, discursiva e visualmente, as diferenças arquitetônicas da cidade de Buenos Aires a partir da narração subjetiva do protagonista, estabelecendo uma relação entre as construções urbanas e as pessoas que habitam a cidade.

A fotografia de *Medianeras* é um objeto estético marcante na narrativa fílmica e que permite um aprofundamento no estudo da produção de sentido a partir das escolhas e das possibilidades da linguagem cinematográfica. Por essa razão, com o decorrer da pesquisa, pretendemos torná-la um dos operadores de análise na construção textual. No entanto, para o presente artigo vamos nos ater a uma breve apresentação da obra argentina, inserindo uma reflexão inicial a respeito do diálogo entre as questões do espaço urbano, midiático e das relações sociais entre indivíduos e cidade.

A partir de uma análise fílmica prévia é possível pensar que o espaço urbano torna-se um indicativo da sociabilidade contemporânea na medida em que seus residentes se relacionam com o entorno e uns com os outros de um modo específico. A grande quantidade de mensagens que são trocadas o tempo todo faz com que seja muito difícil

destacar singularmente algo ou alguém nessas vivências cotidianas - o que acontece com o arco narrativo das personagens no decorrer da trama. Isso permite indagar que estratégias são criadas para que cada mensagem possa ser percebida em meio ao todo, e como cada um pode se individualizar e se relacionar com outros em meio à multidão em fluxo.

Nós nos movemos entre espaços privados e públicos. Entre espaços locais e globais. Passamos de lugares sagrados a seculares; de reais a ficcionais e virtuais, e vice-versa. Passamos do que é seguro para o que é ameaçador e do que é compartilhado para o que é solitário. Estamos em casa ou fora. (SILVERSTONE, 2002, pp. 23-24).

Há, nos espaços urbanos especialmente das cidades latino-americanas, uma profusão de imagens e mensagens verbais que torna caótica a experiência visual e estética de quem transita pelos ou mora nos grandes centros. Tanto que "pode-se analisar a cidade, ela própria, como mídia, como base, como suporte através do qual circulam inúmeras linguagens e se produzem sentidos, tanto hegemônicos quanto disruptivos" (ROCHA, 2006, p. 95).

A presença da mídia tanto na cidade quanto nas relações interpessoais tem transformado as experiências cotidianas do urbano. Transforma tanto o espaço quanto o tempo; tudo é ressignificado. "Ligar a televisão ou abrir um jornal na privacidade de nossa sala é envolver-se num ato de transcendências espacial: um local físico identificável - o lar - defronta e abarca o globo" (SILVERSTONE, 2002, p. 24).

Percebe-se no filme *Medianeras* que Martín substitui o espaço físico urbano pela possibilidade de isolamento do espaço virtual midiático (projetados nas figuras do computador, internet e videogame). A personagem localiza-se, portanto, em um ciberespaço⁵ onde, ao mesmo tempo que encontra-se isolado de uma realidade física, está na iminência de uma agregação social. É exatamente a rotina da comunicação, por meio da experiência com as mídias digitais e virtuais, que permite que o isolamento do indivíduo não se transforme em solidão completa.

Mais do que uma reflexão acerca do individualismo contemporâneo em uma cidade virtual, *Medianeras* possibilita pensarmos na Buenos Aires das personagens a partir da ótica da cibercidade.

Cibercidade nada mais é do que um conceito que visa colocar o acento sobre as formas de impacto das novas redes telemáticas no espaço urbano. [...] A cibercidade é a cidade contemporânea e todas as cidades contemporâneas estão se transformando em cibercidades. Podemos

⁵ O "ciberespaço é uma dimensão da sociedade em rede, onde os fluxos definem novas formas de relações sociais" (MORAES, 2004, p. 32).

entender por cibercidades as cidades nas quais a infraestrutura de telecomunicações e tecnologias digitais já é uma realidade (LEMOS, 2004, p. 20).

A discussão, portanto, vai além de indivíduos isolados por uma vivência quase totalmente imersa no ciberespaço. Percebe-se o fluxo de informações e transformações que acontecem na cidade, na arquitetura local, na relação do coletivo com o meio urbano. Martín nos apresenta a ideia de que as irregularidades arquitetônicas refletem, esteticamente e eticamente, o indivíduo que habita a cidade. A cidade, em sua realidade física e cibernética, reflete todas as relações que a constroem cognitivamente.

LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

Como suporte audiovisual que permite e evidencia vertentes interpretativas diversas, um filme pode ser visto como objeto de estudo intrínseco à sua própria existência: sua coexistência discursiva. Isto é, a partir de sua própria existência, um produto audiovisual – qualquer que seja ele – gera interpretações e significados que estimulam a comunicação e a reflexão. É a partir das múltiplas possibilidades de ressignificação que a produção de sentido é estabelecida no discurso audiovisual, tornando polissêmico o cenário narrativo, tanto o imagético quanto o discursivo.

O poder de persuasão das imagens em movimento nos aproxima constantemente de questões cotidianas. "As imagens das cidades no cinema teriam, sobretudo, a função primordial de levar a aceitar como real (ou pelo menos com proximidade do real) o ficcional, de promover uma certa aparência de realidade" (PRYSTHON, 2006, p. 260).

Ficções nos propõe pensar "o diálogo entre representação e realidade, produzindo uma sensação de realismo por meio de técnicas" (FILHO, 2009, p. 57). Trata-se da amplificação dos sentidos da narrativa audiovisual, que vai sendo posta de acordo com o uso de técnicas e a inserção de elementos simbólicos no interior das obras.

Ao falar da incessante efervescência técnica da atividade cinematográfica, Carrier (2006) atesta que o cinema

desempenhou um papel insubstituível na exploração de associações. Em primeiro lugar, porque vive exclusivamente de associações: entre imagens, emoções, personagens. Mas também porque sua técnica e sua linguagem particulares permitiram que ele empreendesse notáveis viagens exploratórias, as quais, sem que nos o percebêssemos, influenciaram todas

as artes próximas, talvez até mesmo nossa conduta pessoal (CARRIER, 2006, p. 33).

O cinema não permite o engessamento de uma gramática cinematográfica. A estética, a plástica e a própria prática da produção encontra-se em constante mutação. Carrier (2006) compreende a linguagem cinematográfica como uma linguagem complexa, tanto por se dirigir a cada espectador de forma individual e ao mesmo tempo ao público como um todo, quanto por permitir que cada diretor explore o processo de produção fílmica a sua própria maneira, a partir de suas próprias ideias, recursos, estilos, limitações.

Para analisar como ocorre a produção de sentido em uma obra audiovisual, é preciso refletir a respeito não só da poética visual e de seus aspectos estéticos, como também a respeito de seu viés contextual, sociocultural, comunicacional. Dessa forma, uma análise fílmica torna-se importante a partir do momento em que enxergamos na produção cinematográfica uma representação do real, uma porta para realizar leituras de uma realidade pulsante, além de, no caso da obra argentina em análise, fazer compreender como o cinema nos apresenta essa reestruturação do espaço urbano das grandes cidades.

A relação existente entre os signos culturais e as práticas e produções midiáticas a partir da análise do filme *Medianeras* nos permite amadurecer a respeito dos meios de relação interpessoal no cotidiano de uma cultura urbana, que mescla os desdobramentos copresenciais desse tipo de relação com o isolamento do indivíduo contemporâneo, que, muitas vezes, em meio a um aglomerado de pessoas, mensagens e informações, mantém suas relações mais próximas no espaço virtual.

"Do ponto de vista das relações entre cinema e mídia, através do cinema, podemos em geral ver as representações urbanas servindo, normalmente, como 'pormenor supérfluo' em relação à narrativa, à estrutura" (PRYSTHON, 2006, p. 259). No entanto, o filme argentino foge desse lugar comum, de forma que, o cerne da narrativa fílmica encontra-se na comunicação, na mídia e, principalmente, nos espaços urbanos da cidade de Buenos Aires.

A obra audiovisual *Medianeras* é inserida, portanto, como representação de uma discussão epistemológica que alicerçará o estudo desenvolvido durante o mestrado. A partir da linguagem cinematográfica identificamos as questões que interligam a resignificação das relações, da mídia e do próprio espaço urbano. E assim como o panorama midiático virtual e a organização das grandes cidades reconfiguram as relações humanas com o espaço e com o outro, a narrativa fílmica e os recursos plásticos e estéticos da obra

argentina reconfiguram o olhar do espectador para o cotidiano midiático e urbano, bem como para o próprio aprofundamento do roteiro.

COMUNICAÇÃO, MÍDIA E ESPAÇOS URBANOS

Pensar a cidade, as disparidades arquitetônicas e as faces do urbano como representação de um individualismo contemporâneo e um modo de relação social por meio da linguagem cinematográfica nos insere numa realidade transdisciplinar, em que os processos culturais, comunicacionais e sociais encontram-se interligados de maneira quase indissociável.

Canevacci (2004) nos insere a perspectiva de que não somos apenas espectadores urbanos, mas atores em constante diálogo com o espaço arquitetônico e com a cidade em si, apresentando a ideia de que "a comunicação urbana é do tipo dialógica e não unidirecional" (CANEVACCI, 2004, p. 22).

Nas cidades, as ruas são espaços de interação verbal, gestual e social. Elas surgem como emblemas dos fluxos materiais e simbólicos humanos, subjetiva e coletivamente representativos de uma vivência propriamente urbana, resultado de objetivações e compressões espaço-temporais, bem como de comunicações interclasses sociais e de práticas específicas.

Medianeras apresenta a mistura de signos e de estilos comumente observada na construção das grandes cidades, caracterizando assim o espaço urbano de metrópoles como Buenos Aires e, subjetivamente, a partir do discurso verbal e visual das personagens, o espaço comportamental dos indivíduos. Torna-se importante trabalhar esse encontro entre a arquitetura da paisagem urbana, o espaço da comunicação midiática e as relações humanas.

A ideia de cultura das mídias traz consigo novos panoramas para a comunicação. O surgimento de novas técnicas e novas mídias cria um ambiente de trocas, produz uma mediação alicerçada nas relações vinculativas. Falamos também de linguagem, dos sentidos provocados pelos vínculos, pelos signos, um processo que supera o tecnicismo e nos coloca diante de uma comunicação que altera a percepção espaço-temporal. A transformação no cenário urbano das grandes cidades é notável. Como posto por Martín, protagonista da trama, no início do filme *Medianeras*, esse crescimento e essa transformação desordenada

da cidade refletem as relações sociais do indivíduo com o coletivo, consigo próprio e com o próprio espaço que habita.

Um edifício "se comunica" por meio de muitas linguagens, não somente com o observador mas principalmente com a própria cidade na sua complexidade: a tarefa do observador é tentar compreender os discursos "bloqueados" nas estruturas arquitetônicas, mas vívidos pela mobilidade das percepções que envolvem numa interação inquieta os vários espectadores com os diferentes papéis que desempenham. Espectadores que, por sua vez, ao observarem por meio de sua própria bagagem experimental e teórica, agem sobre as estruturas arquitetônicas aparentemente imóveis, animando-as e mudando-lhes os signos e o valor no tempo e também no espaço. (CANEVACCI, 2004, p. 22).

A arquitetura de Buenos Aires, a partir de *Medianeras*, revela uma cidade em expansão, uma cidade alterada pela nova dinâmica de um cotidiano extremamente midiático. O crescimento aleatório dos edifícios reflete as irregularidades e os paradoxos das práticas do indivíduo contemporâneo, em sua necessidade de estar conectado ainda que por meio de próteses ou órteses midiáticas, de receber informações de maneira quase compulsiva, de participar de redes sociais e, ao mesmo tempo, se manter em relativo isolamento por causa dessas relações restritas ao espaço virtual.

As formas urbanas que fazem a cidade sempre estiveram ligadas à realidade técnica e social de seus tempos. Como a própria comunicação, a cidade é um organismo vivo, dinâmico, que se move de acordo com os fluxos materiais e sociais, com as redes políticas, econômicas e comunicacionais.

A co-presença é o que caracteriza a vida urbana, marcadamente o compartilhamento de um espaço limitado com um grande número de pessoas. Mas isso não quer dizer que o nível de interação ou comunicação entre passantes, ou mesmo entre quem se relaciona de forma ocasional, seja mais do que um exercício efêmero de inteligibilidade entre dois seres. Porém, considerada essa possibilidade, a vida social urbana existe e se realiza como comunicação em diferentes níveis e efetivamente conduz a uma coordenação de comportamentos que se realiza na interação verbal e extra-verbal (gestos, posturas) dos habitantes da cidade⁶. Esse panorama se complexifica com o advento da comunicação digital e em rede de compartilhamento de dados, em que as interações se dão como não-presença, já que ocorrem de forma verbal ou gráfica em decorrência de mediações tecno-virtuais.

⁶ Sobre interações verbais e extra-verbais, cf. Rodrigues (2013).

Canevacci (2004) propõe pensar nas grandes cidades como híbridos urbanos. O autor reflete sobre a multiplicidade de vozes autônomas presentes na cidade e na comunicação urbana. Dentro dessa pluralidade temos

o novo *grande fetiche-virtual urbano* que parece ter a comunicação como seu elemento hegemônico, aquelas comunicações polifônicas que se inserem de maneira "desordenada" no interior das categorias clássicas de produção-circulação-consumo das mercadorias (CANEVACCI, 2004, p. 17).

Esse modelo não se encaixa apenas com a produção-circulação-consumo das mercadorias; observa-se também a multiplicidade de vozes na comunicação a partir da produção-circulação-consumo de mensagens nas relações pessoais da contemporaneidade. O virtual completamente imerso no urbano provoca uma reconfiguração dos espaços em uma escala global, como elemento de quase unificação diante do fenômeno cultural que são as relações virtuais.

A cidadania, o exercício social na *urbis*, passa hoje por esse sentimento de conexão generalizada. Esta é o que caracteriza as cidades contemporâneas pela nova dinâmica instaurada pelas redes telemáticas. O ciberespaço nos faz emissores de informação e nos coloca em pleno nomadismo *high-tech*. Participar, ser cidadão hoje, é estar conectado (LEMOS, 2004, p. 20).

O filme ressalta isso, e identifica uma mensagem ou um indivíduo em meio ao caos informacional é uma tarefa exaustiva, mesmo quando inconsciente. A relação do homem urbano com a mídia faz transparecerem novos vínculos comunicativos, evidenciando que as "novas tecnologias de comunicação e informação estão reconfigurando os espaços urbanos bem como as práticas sociais desses mesmos espaços" (LEMOS, 2004, p. 19).

No entanto, diante dessa realidade comum é preciso estar ciente também que a leitura espaço-temporal do cotidiano, da aleatoriedade arquitetônica e da interação social é inerente ao processo subjetivo de ressignificação tanto da cidade quanto das relações.

As cidades são também as muitas diferentes visões de quem a olha e vê as versões que se apresentam dentro dos seus limites urbanos. Uma visão da cidade é um discurso ao mesmo tempo individual e do todo, mais perceptível quanto mais concretizado em formas midiáticas. As mídias são, portanto, condição da visibilidade urbana (SILVA; ROCHA, 2006, p. 07).

As protagonistas de *Medianeras* desfrutam de uma mesma visão sobre a materialidade dos espaços urbanos, em que a própria cidade conta, por meio de suas estruturas e da relação com seus habitantes, como está organizada culturalmente. Trata-se

de compreender as construções arquitetônicas, seus usos e disposições como elementos de representação, agindo como metáfora da própria relação entre os indivíduos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Partindo de uma reflexão a respeito das construções entre a relação da comunicação, espaço urbano e indivíduo, por meio do filme *Medianeras*, tentamos observar a representação e seu processo de significação dentro e fora do contexto audiovisual.

Mesmo tratando-se de uma reflexão inicial, nota-se com a construção do presente artigo, que o adensamento simbólico que os letreiros de fachadas, a configuração arquitetônica dos centros urbanos, o recurso permanente às mídias da comunicação social e interpessoal tão característicos da vida urbana hoje nos fazem pensar nas construções e na própria cidade como mídia. A alteração da percepção espaço-temporal dos espaços urbanos reflete também as mudanças das tecnologias de comunicação e informação.

Refletir sobre o individualismo contemporâneo a partir das relações sociais e de suas ligações com a estética das cidades recortados da narrativa de *Medianeras* é pressupor a existência e as interrelações de subjetividades que alteram a paisagem da cidade, que por sua vez penetra nas subjetividades de seus habitantes. O território da cidade são seus símbolos e nele a uma cidade local e arcaica subsiste juntamente com uma cidade universal e contemporânea perceptíveis na comunicação urbana, no aparato midiático e na virtualidade que permeia as relações de cada um consigo mesmo e com os outros no cotidiano urbano.

REFERÊNCIAS

CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica**: ensaios sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

FILHO, Ciro Marcondes (org.). **Dicionário da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

LEMOS, André. Cibercidades: um modelo de inteligência coletiva. In: LEMOS, André (org.). **Cibercidade**: A cidade na cibercultura. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2004.

MORAES, Patrícia Barros. Propostas e desafios nas cidades digitais. In: LEMOS, André (org.). **Cibercidade**: A cidade na cibercultura. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2004.

PRYSTHON, Angela. Metrôpoles latino-americanas no cinema contemporâneo. In: PRYSTHON, Angela (org.). **Imagens da cidade**: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporâneas. Porto Alegre: Sulinas, 2006.

ROCHA, Rose de Melo. Cidades palimpsestas, cidades midiáticas: limiaridades e errâncias que produzem significação. In: PRYSTHON, Angela. CUNHA, Paulo (org.). **Ecos urbanos**: a cidade e suas articulações midiáticas. Porto Alegre: Sulinas, 2008.

RODRIGUES, Adriano Duarte. A interação verbal. In: **Questões Transversais** – Revista de Epistemologias da Comunicação. Unisinos: São Leopoldo, 2013. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/5706>. Acesso em: 13 mar. 2014.

SILVA, Josimey Costa; ROCHA, Rose de Melo. Leituras imagéticas e urbanidade em ações culturais nas cidades de Natal e São Paulo: apontamentos sobre proposições comunicacionais. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2006.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

FILMOGRAFIA

TARETTO, Gustavo. **Medianeras**: Buenos Aires na Era do Amor Virtual. Argentina, 2011.